

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.118

O SER DOCENTE E A CONSTRUÇÃO DO SABER: DESAFIOS, POSSIBILIDADES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Andréa Calderan¹
André Mafra Calderan²

RESUMO

Vivemos um contexto marcado pela centralidade das tecnologias digitais e pela lógica do entretenimento, que impactam diretamente as relações dos sujeitos com o saber. As novas gerações, imersas na hiperconectividade, apresentam demandas que tensionam a escola e a prática docente. Nesse cenário, o professor enfrenta o desafio de construir uma relação pedagógica significativa, disputando atenção com as telas e com a lógica do imediatismo e da fragmentação dos saberes. Além disso, cresce a adesão às metodologias ativas, que ora se apresentam como resposta emancipatória, ora como exigência adaptativa às novas linguagens e às demandas do mercado. Este estudo tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades do exercício docente na contemporaneidade, considerando o impacto das tecnologias digitais, da lógica do entretenimento e das metodologias ativas na construção do saber. Metodologicamente, trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com publicações dos últimos cinco anos na área da educação. Foram selecionados 16 estudos com

1 Doutora em Educação Escolar (UNESP). Docente no Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino (UNIFAE) - SP, andrea.calderan@prof.fae.br;

2 Mestre em Ciências Ambientais (UFSCar). Docente da Faculdade de Tecnologia, Ciência e Educação (FATECE) - SP, andremafracalderan@gmail.com;

a utilização do descritor “Ser docente”, e analisados por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (2016). Também, este estudo se fortalece teoricamente com os aportes de Michel Foucault (2000, 1975), Bourdieu e Passeron (2014), Bernard Charlot (2000, 2005) e Edgar Morin (2000), cujas contribuições possibilitam aprofundar a compreensão dos fenômenos analisados. Os resultados apontam que os principais desafios se concentram na tensão entre inovação e esvaziamento formativo. A lógica da performatividade, a fragmentação dos saberes, a precarização do trabalho docente e o risco de transformar a escola em espaço de mero entretenimento foram recorrentes nas análises. Por outro lado, os estudos também evidenciam possibilidades, como o fortalecimento da identidade docente, práticas de resistência, reinvenção metodológica e defesa da centralidade do conhecimento. Como consideração final, compreende-se que o exercício docente, na atualidade, exige um equilíbrio complexo: dialogar com as novas linguagens e tecnologias, sem abrir mão da formação crítica, da reflexão e da função social da educação, resistindo às lógicas do mercado e da superficialidade.

Palavras-chave: Ser docente, Construção do saber, Educação Contemporânea.

INTRODUÇÃO

Vivemos uma era em que as tecnologias digitais se entrelaçam de forma profunda ao cotidiano, moldando comportamentos, percepções e formas de sociabilidade, e em que o entretenimento se consolida como um dos eixos centrais da experiência contemporânea.

As novas gerações estão imersas em um universo onde sons, cores, imagens rápidas e estímulos constantes competem pela atenção. As telas (dos celulares, computadores, tablets e plataformas digitais) se tornaram protagonistas na mediação dos saberes, dos afetos e das experiências. Nesse cenário, a escola, historicamente estruturada em práticas bancárias, enfrenta um de seus maiores desafios contemporâneos, que é ser capaz de disputar, em termos de engajamento e significado, com a lógica sedutora das mídias digitais.

Diante desse contexto, o papel do professor se torna cada vez mais tensionado. Como manter a atenção de estudantes acostumados a interações ágeis, hiperinformação e consumo de conteúdos altamente atrativos? A própria organização do tempo, dos espaços e das linguagens escolares parece entrar em colapso frente à fluidez dos ambientes virtuais. E, nesse movimento, surge uma inquietação central: tudo vale para capturar a atenção dos alunos?

Por outro lado, ganha força no campo educacional a ascensão das chamadas metodologias ativas, fundamentadas na perspectiva de que o estudante deve ser protagonista do processo de aprendizagem, rompendo com a lógica da educação bancária, criticada por Paulo Freire (2021). Essas metodologias se apresentam tanto como resposta às demandas da contemporaneidade, quanto como desdobramentos de concepções pedagógicas que defendem a construção crítica e reflexiva do conhecimento, a autonomia e a emancipação dos sujeitos.

Contudo, cabe perguntar: essa guinada metodológica se dá, de fato, pela busca da construção crítica do conhecimento, ou atende, também, às pressões advindas do próprio perfil das novas gerações, formadas em

meio ao imediatismo e à lógica do entretenimento? Como se dá, então, a relação dos sujeitos escolares com o saber, quando este precisa ser, a todo tempo, “atrativo”, “leve” ou “gamificado”?

Além disso, observa-se um fenômeno preocupante: a fragmentação dos saberes, tanto no interior da escola, marcada pela compartimentalização dos conteúdos, quanto nas mídias, que oferecem conhecimentos rápidos, descontextualizados e superficializados. Isso tensiona não só o papel do professor, mas o próprio sentido da educação na contemporaneidade.

Somam-se a esse quadro as exigências das políticas públicas educacionais, que, por um lado, convocam os professores a inovarem e se adequarem às demandas do mundo digital, mas, por outro, impõem metas, avaliações padronizadas e modelos que muitas vezes esvaziam a dimensão crítica do ato educativo. Nesse vaivém, emerge a reflexão sobre a teoria da “curvatura da vara”, proposta por Lênin, e reinterpretada por educadores críticos, segundo a qual, para corrigir um desequilíbrio, é necessário, momentaneamente, pender para o extremo oposto. Seria, então, necessário tensionar práticas, metodologias e concepções, a fim de reequilibrar a relação com o saber e resistir às lógicas da superficialidade e do esvaziamento formativo?

O fato é que o professor, diante de tudo isso, vive um paradoxo: precisa se reinventar para dialogar com os novos sujeitos, sem abrir mão da centralidade do conhecimento, da criticidade e da formação humana integral. Entretanto, nesse processo, muitos acabam se fragmentando, se podando, tentando atender às demandas externas sem perder de vista sua missão formadora, o que nem sempre é simples, nem isento de dores e contradições.

Neste contexto, levanta-se o seguinte problema de pesquisa: Como o professor pode construir uma relação pedagógica significativa com as novas gerações, marcadas pela hiperconectividade, pela lógica do entretenimento e pela fragmentação dos saberes, sem abrir mão da centralidade do conhecimento e da formação crítica e emancipadora?

Como objetivo geral, destaca-se analisar os desafios e as possibilidades do exercício docente na contemporaneidade, considerando o impacto das tecnologias digitais, da lógica do entretenimento e das metodologias ativas na construção do saber.

A realização deste estudo se justifica pela urgência em compreender os desafios impostos à prática docente na contemporaneidade. O avanço das tecnologias, a cultura do entretenimento e a hiperconectividade têm reconfigurado os modos de aprender, de se relacionar e de se conectar com o mundo. Nesse cenário, a escola e os professores são interpelados a repensar suas práticas, suas linguagens e suas formas de mediação do saber, sem abrir mão da função social da educação, centrada na formação crítica, ética e emancipadora dos sujeitos.

Além disso, compreender esse fenômeno é essencial para fortalecer uma prática docente que não ceda completamente à lógica do espetáculo, do efêmero e do consumo, mas que também não ignore as mudanças geracionais. Trata-se de buscar caminhos que articulem o diálogo com as novas linguagens, a inovação metodológica e o compromisso ético-político da educação. O debate se faz ainda mais necessário diante das contradições presentes nas próprias políticas públicas, que, muitas vezes, mesclam discursos de inovação com práticas de controle e padronização, impondo desafios adicionais aos educadores.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura, que tem como objetivo mapear, analisar e sintetizar a produção acadêmica recente acerca dos desafios e das possibilidades do exercício docente na contemporaneidade. A revisão integrativa permite a reunião e análise de resultados de pesquisas sobre um tema, de maneira sistemática e ordenada, proporcionando uma compreensão abrangente do fenômeno investigado.

A busca pelos estudos foi realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, considerando como descritor principal a expressão “Ser docente”, associada à área de concentração Educação. Foram aplicados os seguintes critérios de filtragem: publicações dos últimos cinco anos e foco na área da Educação, de modo a garantir a atualidade e a pertinência dos estudos selecionados.

Inicialmente, foram identificados 32 trabalhos acadêmicos. Contudo, foram aplicados critérios de exclusão, a saber: que não abordam explicitamente os desafios e/ou possibilidades para a prática docente no contexto contemporâneo. Após essa triagem, restaram 16 estudos, que constituem o corpus deste trabalho.

Para a análise dos dados, adotou-se a metodologia de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Este procedimento metodológico envolve três etapas fundamentais: pré-análise, na qual foram realizadas leituras flutuantes dos textos e organização do material; exploração do material, momento em que foram identificadas as unidades de registro relacionadas aos eixos de interesse, impacto das tecnologias digitais, lógica do entretenimento, metodologias ativas, fragmentação dos saberes e adaptação docente às novas gerações; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, que possibilitou uma análise crítica dos discursos presentes nos estudos selecionados, à luz dos objetivos desta pesquisa.

Para sustentar a análise dos dados, recorreu-se a referenciais teóricos que oferecem subsídios para uma leitura crítica dos desafios e possibilidades da docência na contemporaneidade. Foram mobilizadas as contribuições de autores como Foucault (1975, 2000), Bourdieu & Passeron (2014), Charlot (2000, 2005) e Morin (2000), os quais permitiram articular os dados empíricos às dimensões políticas, culturais e epistemológicas que atravessam a prática docente.

Dessa forma, a metodologia adotada assegura uma análise rigorosa, sistemática e fundamentada, que permite compreender como a litera-

tura recente tem abordado os desafios e as possibilidades do exercício docente frente às demandas da contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro estudo mapeado, Medeiros (2020) problematiza a fragmentação dos saberes, tanto pela lógica do currículo quanto pela forma como as plataformas digitais estruturam os conteúdos em pílulas rápidas, descontextualizadas e pouco aprofundadas. Ela conclui que o papel do docente, hoje, precisa ser repensado não apenas para se adequar às tecnologias, mas, principalmente, para resistir à superficialização do conhecimento, atuando como mediador crítico, formador de sujeitos autônomos, reflexivos e capazes de compreender a complexidade do mundo contemporâneo.

O texto “Narrativas de vida de professoras da educação infantil: memórias docentes e identidades em construção” (2022), aponta que ser docente na contemporaneidade é um processo marcado pela construção de identidades, atravessado pelas experiências, pelas memórias e pela constante reinvenção frente às transformações sociais e culturais. As professoras precisam ressignificar seu fazer pedagógico em meio às exigências de inovação, às tensões da cultura digital e às práticas que, muitas vezes, desconsideram os saberes construídos na trajetória de vida e na experiência profissional. A docência se apresenta como um exercício de resistência e reinvenção (OLIVEIRA, 2022).

Em “Exercer a docência inaciana na sociedade neoliberal: permanências, resistências e transformações nos documentos da Companhia de Jesus” (2021), a autora discute que ser docente, na perspectiva inaciana, é viver uma prática educativa que enfrenta as pressões do neoliberalismo, da lógica do mercado e da padronização. A docência se configura como um espaço de resistência, onde os professores são convocados a manter práticas pautadas no cuidado, no compromisso social e na formação

integral, mesmo diante das exigências contemporâneas por inovação, produtividade e respostas rápidas.

Em seguida, na análise do trabalho “Autoridade docente: constituinte da profissionalidade e do desenvolvimento profissional” (2022), a autora defende que ser docente é afirmar uma autoridade que não se confunde com autoritarismo, mas que se sustenta na ética, no saber e no compromisso com a formação dos estudantes. A autora defende que a lógica do entretenimento, das redes e das plataformas digitais esvazia a autoridade docente, criando um ambiente de dispersão, superficialidade e imediatismo. A autora discute que metodologias ativas podem ser úteis, mas alerta que, quando adotadas sem reflexão, podem reforçar a lógica do consumo e não da formação crítica e a fragmentação surge como uma ameaça constante à integridade dos saberes. A cultura digital e a lógica do entretenimento, muitas vezes, fragilizam essa autoridade, colocando o professor em uma posição de constante disputa por atenção. A docência, nesse cenário, exige desenvolvimento profissional permanente e fortalecimento da profissionalidade docente, para que o professor não se dilua diante das demandas fragmentadas do presente.

No trabalho “O currículo do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus efeitos na produção de currículos menores” (2023), a autora evidencia que o ser docente hoje é atravessado por processos de esvaziamento curricular, que fragmentam saberes e reduzem a complexidade da formação docente. O currículo, pressionado pelas demandas do mercado e pelas lógicas de competência, acaba por produzir professores tecnicistas, pouco preparados para enfrentar os desafios da cultura digital e da hiperconectividade, além de limitar as possibilidades de uma formação crítica e reflexiva.

Na sequência, o texto “Base Nacional Comum Curricular e seus efeitos na docência: o esvaziamento do ofício de professor e o gerencialismo educacional” (2022) discute que ser docente, na atualidade, é viver sob os efeitos de políticas de padronização, que esvaziam o ofício e transformam os professores em gerentes de processos educacionais. As práticas

docentes são pressionadas a atender a indicadores, resultados e metas, reduzindo o espaço da criatividade, da autonomia e da construção crítica do saber, ao mesmo tempo em que enfrentam os desafios trazidos pela cultura digital e pela lógica do entretenimento.

Na análise do trabalho “O que nos dizem as memórias dos professores em formação sobre a construção do seu ‘ser’ docente a partir da narrativa de si” (2020), a autora demonstra que ser docente na contemporaneidade é, antes de tudo, um processo de construção subjetiva, afetiva e identitária, que se dá pela reflexão sobre as próprias experiências e memórias. Essa construção, no entanto, não está isenta dos impactos da cultura digital, da fragmentação dos saberes e das exigências por inovação, que muitas vezes tensionam o equilíbrio entre a formação crítica e a adaptação às demandas do presente.

Em “(Com)posição das docências: liberdade como fenômeno político na educação infantil” (2023), a autora afirma que ser docente é exercer uma prática política e poética, que resiste às forças da padronização, da lógica do mercado e do entretenimento. O professor é aquele que compõe práticas singulares, que valoriza o encontro, a liberdade e a criação coletiva, mesmo diante das pressões para transformar a educação em um produto adaptado à lógica das telas, das metodologias rápidas e da superficialidade dos saberes. Questiona a transformação da docência em um processo burocrático, produtivista e performativo. A cultura digital é analisada como um dos vetores da espetacularização do trabalho docente. Não critica diretamente as metodologias ativas, mas alerta para o risco de elas serem apropriadas de forma acrítica, servindo mais às demandas do mercado do que à formação crítica.

Resgatando o contexto da pandemia de COVID-19, o trabalho “Práticas docentes em tempos de pandemia COVID-19” (2022) aponta que ser docente, especialmente no contexto pandêmico, revelou-se uma prática atravessada pela precarização, pela intensificação do trabalho e pela necessidade de rápida adaptação às tecnologias digitais. O ensino remoto emergencial escancarou tanto as limitações das políticas públicas

em apoiar os professores quanto às potencialidades de reinvenção das práticas docentes. A autora destaca que a docência, nesse período, foi marcada por uma tensão constante entre cuidar, ensinar, criar e sobreviver. Ainda, mostra que a digitalização forçada trouxe uma “youtuberização” da docência, onde professores foram empurrados para criar conteúdos atrativos, rápidos e midiáticos. Critica esse movimento, apontando que as práticas se tornaram muitas vezes superficiais, fragmentadas e desconectadas da lógica formativa crítica. A autora denuncia que, sob a lógica do entretenimento, o professor perdeu espaço para a centralidade do conhecimento e foi convertido em produtor de conteúdo.

O trabalho “Representações sociais sobre ser docente: a formação continuada como vetor de mudanças no fazer docente nos contextos do Brasil e da Espanha” (2023) evidencia que ser docente é um processo identitário, construído na intersecção entre representações sociais, experiências formativas e contextos históricos e culturais. A autora mostra que os professores carregam representações que tanto fortalecem quanto limitam suas práticas, especialmente quando confrontados com os desafios da hiperconectividade, da fragmentação dos saberes e das metodologias baseadas em resultados e desempenho. A autora defende que as tecnologias e as exigências por inovação geram tanto possibilidades quanto angústias, forçando os docentes a revisitar suas práticas. As metodologias ativas aparecem como demanda, mas são tensionadas pela necessidade de não perder a dimensão formativa crítica. A fragmentação surge nas políticas e nas práticas institucionais, impondo desafios à construção de uma docência mais integral.

Em “O ciclo de vida profissional dos docentes que atuam na educação especial – anos iniciais do ensino fundamental – da rede pública de ensino do Distrito Federal” (2022), a autora aponta que ser docente, especialmente na educação especial, é vivenciar um percurso marcado por contradições, precarização e tensões, mas também por resistências e reinvenções. O trabalho docente é atravessado pelas condições impostas pelo capitalismo contemporâneo, que intensifica a fragmentação, a lógica

da produtividade e o esvaziamento da dimensão formativa da educação. A autora defende que a práxis docente precisa articular teoria e prática, resistindo às lógicas instrumentais e tecnicistas e reafirmando o compromisso com uma educação inclusiva, humanizada e crítica. A autora discute que a lógica digital, associada às políticas de inclusão, impõe desafios adicionais à docência, como a adaptação a plataformas digitais que nem sempre são acessíveis ou formativas. Alerta para a fragmentação dos saberes e para o risco de reduzir o trabalho docente a tarefas operacionais e tecnológicas.

Destacou-se no trabalho “Docência em diálogos formativos: narrativas biográficas e processos identitários de docentes de Química do Ensino Médio” (2022) que ser docente na contemporaneidade é construir-se permanentemente em diálogo com seus contextos, suas histórias de vida e as exigências da sociedade atual. Os professores são atravessados tanto pelas demandas da cultura digital, que modifica relações e modos de ensinar, quanto pelas tensões de reformas educacionais que tentam padronizar e esvaziar o currículo. A autora defende que a constituição docente passa pela resistência, pela reflexão crítica e pela capacidade de ressignificar saberes e práticas no cotidiano escolar.

No trabalho “Tempo de aprender e a formação de professoras da educação infantil: uma análise de videoaulas” (2023), a autora denuncia que a formação de professores, quando mediada por modelos tecnicistas e mediados exclusivamente por tecnologias, assume um caráter mecanicista, superficial e descontextualizado. Ser docente, nesse cenário, é ser transformado em operador de protocolos, onde a lógica do entretenimento (através de videoaulas roteirizadas e pouco reflexivas) não promove uma real construção do saber, mas reforça a fragmentação, o produtivismo e o empobrecimento das práticas pedagógicas.

Com um olhar para a contemporaneidade, o trabalho “Práticas pedagógicas de professores iniciantes na educação infantil: desafios e possibilidades” (2022) mostra que ser docente na contemporaneidade, especialmente na educação infantil, é enfrentar um cenário permeado

pela pressão por inovação, uso de tecnologias e metodologias ativas, ao mesmo tempo em que lidam com a ausência de suporte institucional, formação insuficiente e condições precárias de trabalho. Discute que a pressão por usar tecnologias, metodologias ativas e práticas “atraentes” muitas vezes não considera as reais condições de trabalho dos professores. A fragmentação aparece quando o lúdico e o tempo da infância são sacrificados em nome de atender às expectativas de inovação e de produtividade. As práticas docentes se constroem na tensão entre responder às exigências externas e manter práticas que valorizem o desenvolvimento integral, o lúdico e a construção crítica do conhecimento.

Em seguida, o trabalho “Professores iniciantes de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental: docências da (in)completude” (2021), a autora afirma que ser docente, especialmente no início da carreira, é lidar com uma série de desafios que vão desde a falta de formação adequada para enfrentar as demandas da cultura digital até a pressão por resultados rápidos. A lógica neoliberal, marcada pela fragmentação dos saberes e pela precarização do trabalho docente, faz com que os professores se sintam incompletos, sobrecarregados e constantemente desafiados a se reinventar. Ainda assim, a autora aponta que, mesmo diante desse cenário, a docência se realiza como espaço de resistência e construção coletiva de saberes. Mostra que os professores vivem uma experiência de (in)completude, sendo pressionados pelas tecnologias, pelas demandas do mercado e pela lógica do entretenimento. Discute que as metodologias ativas, quando usadas sem reflexão, tornam-se mais uma ferramenta de controle do que de libertação. A fragmentação dos saberes gera insegurança, precarização e sentimentos de insuficiência nos docentes.

Por fim, em “A aprendizagem da docência: narrativas autobiográficas de professoras de crianças em escolas no campo do município de Ipiranga/PR” (2023), a autora evidencia que ser docente é construir-se em meio a múltiplas experiências, desafios e atravessamentos, tanto pessoais quanto profissionais. A aprendizagem da docência não se dá de forma linear, mas é construída nas relações, nas trocas e na reflexão sobre a

prática. O trabalho docente nas escolas do campo, por sua vez, enfrenta desafios que se ampliam diante da lógica da fragmentação dos saberes, da padronização curricular e das exigências impostas pela cultura digital e pelas políticas de responsabilização.

A análise dos 16 estudos evidenciou que o ser docente na contemporaneidade é um processo complexo, marcado por múltiplas tensões entre inovação e tradição, autonomia e padronização, profundidade e superficialidade. A presença das tecnologias digitais e da lógica do entretenimento tem reconfigurado as formas de ensinar e aprender, impondo desafios à construção de uma docência crítica e reflexiva. As metodologias ativas, embora apontadas como possibilidade de engajamento, também revelam riscos quando aplicadas de forma acrítica, reforçando a fragmentação dos saberes e a mercantilização da educação. Por outro lado, emergem nas narrativas analisadas práticas de resistência, pautadas na ética, no cuidado, na escuta e na valorização das experiências docentes. Assim, o estudo reafirma a necessidade de compreender a docência como um campo em constante (re)construção, em que o professor se constitui como mediador crítico, sujeito de saber e agente de transformação frente às demandas e contradições do mundo contemporâneo.

Em outras palavras, os dados analisados evidenciam que o exercício docente, na contemporaneidade, é atravessado por múltiplas tensões: a lógica da performatividade, a fragmentação dos saberes, a precarização das condições de trabalho e a pressão por metodologias adaptadas à linguagem das telas. Nesse cenário, torna-se essencial compreender a docência não apenas como uma prática técnica ou instrucional, mas como um fenômeno social e histórico, perpassado por relações de poder, saber e identidade.

Nesse sentido, o aporte de Michel Foucault (1975, 2000) oferece ferramentas analíticas fundamentais para compreender como as políticas educacionais e os discursos contemporâneos produzem modos de subjetivação docente. A busca por resultados, a padronização curricular e a vigilância sobre o desempenho convertem o professor em um sujeito

gerenciado, permanentemente avaliado, implicando em um controle que se dá mais pelo discurso e pela normatização do que pela imposição direta. O conceito de “microfísica do poder” permite observar como esse controle se infiltra nos cotidianos escolares e nas práticas pedagógicas, naturalizando formas de dominação.

Os autores Bourdieu e Passeron (2014), ao tratarem da reprodução cultural pela escola, permitem compreender como os saberes docentes também são condicionados por habitus e capitais culturais, frequentemente desvalorizados frente às exigências das novas linguagens e do mercado. A adesão acrítica às metodologias ativas e à cultura digital pode, muitas vezes, ocultar mecanismos de exclusão e reforçar desigualdades, quando não se reconhece que a escola opera segundo lógicas sociais historicamente desiguais. Os estudos mapeados que discutem o esvaziamento curricular e a tecnificação da formação docente dialogam diretamente com essa perspectiva, ao evidenciar a perda da centralidade do saber crítico e o deslocamento da função social da escola.

Bernard Charlot (2000, 2005) contribui com a noção de “relação com o saber”, que se mostra central na análise dos desafios enfrentados pelos professores. Ao disputar atenção com as telas, o docente vê-se diante de estudantes que constroem outras formas de relação com o conhecimento, mais fragmentadas, imediatistas e pautadas no consumo. Isso exige do professor uma escuta ativa e uma mediação sensível, capaz de ressignificar o saber escolar como experiência significativa. Vários estudos do corpus analisado sinalizam que a reconstrução dessa relação passa pela valorização do vínculo, pela construção de sentidos e pelo reconhecimento do papel formativo da escola para além do entretenimento.

Por fim, Edgar Morin (2000), com sua proposta de pensamento complexo, oferece uma perspectiva integradora para os desafios da docência atual. Em um tempo de hiperconectividade e de simplificações pedagógicas, Morin propõe resistir às abordagens fragmentadas e promover uma formação que articule razão, emoção, ética, política e estética. Os estudos que destacam as práticas de resistência, a defesa da formação crítica e o

fortalecimento da identidade docente convergem com esse pensamento, apontando que a resposta aos desafios contemporâneos não está em abandonar o conhecimento escolar, mas em reinventá-lo de forma mais conectada com a complexidade do mundo vivido.

Diante das análises realizadas, compreende-se que para ser docente na contemporaneidade, é preciso também atuar criticamente em um cenário de disputas simbólicas, epistemológicas e políticas. A docência emerge como um campo de tensão e de resistência, exigindo do professor não apenas domínio técnico, mas uma profunda consciência de seu papel formativo em meio à lógica do entretenimento, à fragmentação dos saberes e à mercantilização da educação. O estudo dos trabalhos mapeados evidencia que, mesmo diante das pressões por inovação performativa, os professores têm construído espaços de reinvenção, de escuta sensível e de práticas formativas críticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções acadêmicas examinadas nesta revisão integrativa evidencia que ser docente na contemporaneidade é um exercício marcado por paradoxos e resistências. O professor é permanentemente interpelado por transformações tecnológicas, culturais e políticas que configuram sua identidade, suas práticas e o próprio sentido da educação. As tecnologias digitais, embora ampliem possibilidades de acesso, interação e inovação, também instauram novas formas de alienação e controle, transformando a atenção, o tempo e o saber em mercadorias simbólicas. A docência, nesse contexto, torna-se um campo de disputa entre a formação crítica e a lógica do entretenimento, ou seja, entre o compromisso ético-político com o conhecimento e as pressões por desempenho, produtividade e visibilidade.

Os estudos analisados convergem na constatação de que a cultura digital e o gerencialismo educacional instauram um duplo movimento: de um lado, estimulam práticas pedagógicas criativas, conectadas e dinâ-

micas; de outro, reforçam a fragmentação dos saberes, a desvalorização do conhecimento sistematizado e o enfraquecimento da autoridade docente. Essa tensão se expressa, sobretudo, na adoção acrítica de metodologias ativas e recursos tecnológicos, muitas vezes incorporados como respostas imediatas às demandas do mercado e não como instrumentos de emancipação intelectual. Assim, a inovação pedagógica, quando dissociada de um projeto formativo crítico, corre o risco de se converter em mais uma forma de domesticação simbólica – um simulacro de protagonismo estudantil que, em vez de libertar, reforça o consumo e o espetáculo.

Ao mesmo tempo, a revisão demonstra que a docência resiste. Em meio à intensificação do trabalho, à precarização das condições e ao esvaziamento curricular, emergem práticas de reexistência: professores que narram, reinventam e ressignificam suas experiências, como apontam Azevedo (2020), Castro (2022) e Cardoso (2023). Essa resistência se expressa na busca pela liberdade como fenômeno político, na valorização das memórias e na compreensão da docência como práxis, uma articulação inseparável entre teoria e prática, ética e estética, conhecimento e cuidado. Em contextos de controle e performatividade, o professor crítico assume a tarefa de curvar a vara, como sugere a metáfora leninista retomada por educadores progressistas: tensionar as práticas até o limite para reequilibrar a formação frente à superficialidade imposta.

A cultura digital não é, portanto, apenas um desafio técnico, mas um desafio civilizatório. Ela exige que a educação recupere sua função pública e humanizadora, diante de um cenário em que o conhecimento é constantemente reduzido à informação e a aprendizagem é confundida com entretenimento. A escola não pode competir com o ritmo das redes, mas pode oferecer o que nenhuma plataforma entrega: o tempo da escuta, a densidade da reflexão e a experiência do encontro. A docência contemporânea, nesse sentido, deve ser compreendida como uma prática de resistência cultural e de reinvenção epistemológica, um ato político que

confronta o imediatismo e afirma a formação como processo de emancipação e de pertencimento.

Conclui-se, portanto, que o professor do século XXI é chamado a ocupar um lugar paradoxal: entre a adaptação e a crítica, entre a inovação e a resistência, entre o entretenimento e a reflexão. Sua missão não é apenas ensinar conteúdos, mas mediar sentidos, construir vínculos e sustentar o valor formativo do conhecimento em tempos de dispersão. Para tanto, a profissionalidade docente precisa ser reafirmada como campo de saber e de poder ético, capaz de resistir ao esvaziamento e de reconstruir a centralidade da educação como prática de liberdade. A formação de professores, por sua vez, deve ultrapassar o tecnicismo e o pragmatismo, articulando a dimensão estética, política e humana da docência, pois é nesse espaço de contradição e criação que ainda pulsa a possibilidade de uma educação verdadeiramente transformadora.

REFERÊNCIAS

ANDRADE LUND, Juliana. *Práticas docentes em tempos de pandemia COVID-19*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.

ARAÚJO AZEVEDO, Ana Priscila de Lima. *O que nos dizem as memórias dos professores em formação sobre a construção do seu 'ser' docente a partir da narrativa de si*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARDOSO, Bianca de Oliveira. *(Com)posição das docências: liberdade como fenômeno político na educação infantil*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

CASTRO, Carolina Luiza de. *Docência em diálogos formativos: narrativas biográficas e processos identitários de docentes de Química do Ensino Médio*. 2022.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

CHARLOT, Bernard. *A relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2005.

EMERICK, Tatiane Cristina Maurício. *O ciclo de vida profissional dos docentes que atuam na educação especial – anos iniciais do ensino fundamental – da rede pública de ensino do Distrito Federal*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

FALEIRO, Betina Wiebusch. *Base Nacional Comum Curricular e seus efeitos na docência: o esvaziamento do ofício de professor e o gerencialismo educacional*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Juliana Veiga de. *O currículo do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus efeitos na produção de currículos menores*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

MACIEL, Kemilly Mendonça. *Exercer a docência inaciana na sociedade neoliberal: permanências, resistências e transformações nos documentos da Companhia de Jesus*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2021.

MEDEIROS, Rosângela de Araújo. *Ser docente universitário em tempos digitais: (trans)formar é preciso*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MIKADO, Helena Martins. *Autoridade docente: constituinte da profissionalidade e do desenvolvimento profissional*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Márcia Maria Canindé de. *Narrativas de vida de professoras da educação infantil: memórias docentes e identidades em construção*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

RIBEIRO, Michelle Mendes. *Professores iniciantes de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental: docências da (in)completude*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

RODRIGUES DOS SANTOS, Camila. *Representações sociais sobre ser docente: a formação continuada como vetor de mudanças no fazer docente nos contextos do Brasil e da Espanha*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SCHORR DE OLIVEIRA, Andressa Maria. *Práticas pedagógicas de professores iniciantes na educação infantil: desafios e possibilidades*. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SILVA, Flávia Aparecida dos Santos. *A aprendizagem da docência: narrativas autobiográficas de professoras de crianças em escolas no campo do município de Ipiranga/PR*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2023.

TRINDADE MONTEIRO, Livia Lempek. *Tempo de aprender e a formação de professoras da educação infantil: uma análise de videoaulas*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.